



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Dablene Cristina Nunes

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CORPO NA CULTURA INDÍGENA: o olhar
da fotógrafa Rosa Gauditano

Palmas - TO

2017

Dablene Cristina Nunes
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CORPO NA CULTURA INDÍGENA: o olhar
da fotógrafa Rosa Gauditano

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) elaborado e apresentado como requisito total para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Dra Irenides Teixeira.

Palmas– TO
2017

Dados internacionais da catalogação na publicação.

N972r Nunes, Dablene Cristina
As representações sociais do corpo na
cultura indígena: o olhar da fotógrafa Rosa Gauditano /
Dablene Cristina Nunes – Palmas, 2017
49 fls, il.29 cm.

Orientação: Profa.Dra. Irenides Teixeira
TCC (Trabalho de Conclusão de Curso).
Psicologia - Centro Universitário Luterano de Palmas. 2017

1. Corpo indígena. 2. Fotografia. 3.
Representação social.
4. Análise do comportamento. I. Teixeira,
Irenides. II. Título III. Psicologia.

159.91

CDU:

Dablene Cristina Nunes
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CORPO NA CULTURA INDÍGENA: o olhar
da fotógrafa Rosa Gauditano

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) elaborado
e apresentado como requisito total para obtenção
do título de bacharel em Psicologia pelo Centro
Universitário Luterano de Palmas
(CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Dra Irenides Teixeira.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra Irenides Teixeira
Centro Universitário Luterano de Palmas

Prof. Esp. Hudson Eygo Soares Mota
Centro Universitário Luterano de Palmas

Prof. Esp. Sonielson Luciano de Sousa
Centro Universitário Luterano de Palmas

Palmas– TO
2017

Dedico este trabalho a Deus, meus pais e marido que me orientaram e me deram forças para concluir esse ciclo da minha vida. E a todos que contribuíram para essa caminhada minha sincera e eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu forças para continuar, a minha mãe, Etelvina Nunes, que durante toda trajetória sempre confiou e acreditou em mim e sempre fez tudo ao seu alcance para que esse dia pudesse chegar, e então, aqui estamos 'Mainha', essa é uma conquista nossa, minha e sua o maior presente que você poderia ter me dado. Eu te amo imensamente por todo companheirismo.

Gostaria de agradecer ao meu pai, Valdinei Sirino, que do seu jeito calado, sempre fez de tudo para eu ter condições de encarar uma universidade particular. Quero também agradecer a você meu amor, meu 'Namorado' Ricardo Moretti que como um anjo chegou na minha vida na hora certa, você não tem dimensão do quanto foi importante nessa reta final. Eu te amo todos os momentos.

Queria agradecer também, meus avós, Delidia Pereira Nunes e Salvador Nunes dos Reis, que acompanharam a minha luta, acreditaram em mim até o último dia de suas vidas. Essa vitória é nossa, meus amados, essa conquista é para vocês, minha querida vizinha que tanto me amou, sou grata por cada conselho e puxão de orelha. “_Como eu queria que estivesse aqui, eu amo vocês”.

Agradecer ao meu irmão, Pedro Augusto Nunes e minha cunhada Aldicia Miranda, que sempre estiveram presentes me apoiando e me dando forças. Quero agradecer também aos meus amigos e irmãos de caminhada, Erika, Pedro, Índia e Lilian, o que seria da minha vida sem vocês para me acalmar, chorar, sorrir, dividir o lanche, o almoço, as magoas e as alegrias?! Ainda bem que não sei a resposta! Foi maravilhoso e melhor ainda e saber que tenho vocês para vida inteira, tivemos bons e longos papos filosóficos, amo vocês.

Gostaria de agradecer também aos meus amigos de vida e alma, Rosa, Moaçir, Tayna, Victor, Ray, Karla, Magoo, May, Lorena, e é claro a você minha amiga Adrielle Betina que tenho a alegria de compartilhar mais de 17 anos de amizade verdadeira, amor e cuidado, amo todos vocês.

Gostaria de agradecer a minha Orientadora Irenides Teixeira por toda paciência, compreensão, ajuda e orientação em todo esse processo.

Gostaria de agradecer a você Fabi Barbosa, que na minha maior dificuldade nessa reta final da faculdade surgiu como uma luz, me acalmando e me direcionando da melhor maneira, sou imensamente grata a você.

Agradecer ao meu amigo Wanderlei Barbosa por me ajudar a mim e aos meus pais a conquistar esse sonho, se não fosse sua fiel e grande amizade a minha família eu não teria conseguido.

E por último e não menos importante à você Dr. Emilio que sempre acreditou nesse meu lado Psicóloga de ser. Sempre me apoiou, incentivou, puxou minha orelha e cá estou, como você disse que eu estaria, vitoriosa. Obrigada os longos anos de amizade.

Nesse momento, passa um filme na minha cabeça de quantas pessoas maravilhosas eu conheci, conversei, abracei e gargalhei, obrigada por compartilharem comigo momentos maravilhosos, pois certamente levarei de vocês bons momentos também.

RESUMO

NUNES, Dablene Cristina. **As representações sociais do corpo na cultura indígena: o olhar da fotógrafa Rosa Gauditano**. 2017. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2017

O trabalho aborda a imagem fotográfica no intuito de compreender o corpo na cultura indígena como expressão da representação social. Partimos de um recorte histórico para perceber o corpo indígena como uma representação exótica¹ do índio primitivo para explorar contradições e confluências da realidade desses indivíduos, por meio da fotografia no olhar de Rosa Gauditano, fotógrafa indigenista que há décadas se dedica a esse trabalho que é uma das vozes mais ativas na documentação das tradições indígenas, na promoção de projetos educacionais que são voltados a estas comunidades na busca por compreender qual é o olhar da sociedade acerca do índio nos dias atuais e como o indígena se apresenta a partir do olhar fotográfico. Outro fator abordado é a ligação da Psicologia, ou falta dela, com o processo dessa representação da cultura indígena através da fotografia.

Palavras-chave: Corpo Indígena. Fotografia. Representação Social.

ABSTRACT

NUNES, Dablene Cristina. **The social representation of the body in indigenous culture: the look of the photographer Rosa Gauditano**. 2017. 49 f. Course Completion Work (Undergraduate) - Psychology Course, Lutheran University Center of Palmas, Palmas / TO, 2017.

The paper approaches the photographic image in order to understand the body in the indigenous culture as an expression of social representation. We start from a historical cut to perceive the Indian body as an exotic representation of the primitive Indian to explore contradictions and confluences of the reality of these individuals, through photography in the gaze of Rosa Gauditano, an indigenist photographer who has been dedicated to this work for decades. One of the most active voices in the documentation of indigenous traditions, in the promotion of educational projects that are aimed at these communities in the quest to understand the society's view of the Indian in the present day and how the Indian presents himself from the photographic gaze. Another factor addressed is the connection of Psychology, or lack of it, with the process of this representation of indigenous culture through photography.

Key words: Indigenous Body. Photography. Social Representation

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Botocudos, Daguerreótipo, 1843</i>	21
Figura 2 - <i>Frisch, 1865</i>	22
Figura 3 - <i>Botocudos, Sul da Bahia, Marc Ferrez, 1875</i>	22
Figura 4 - <i>Botocudos, Walter Garbe, 1905</i>	23
Figura 5 - <i>Paul Ehrenreich, 1894</i>	24
Figura 6 - <i>George Huebner, 1900</i>	24
Figura 7 - <i>Rosa Gauditano – 1989</i>	36
Figura 8 - <i>Rosa Gauditano – 1998</i>	37
Figura 9 - <i>Rosa Gauditano – 1998</i>	38
Figura 10 - <i>Rosa Gauditano – 1998</i>	39
Figura 11 - <i>Rosa Gauditano – 1998</i>	40
Figura 12 - <i>Rosa Gauditano – 1998</i>	41
Figura 13 - <i>Rosa Gauditano – 1998</i>	42
Figura 14 - <i>Rosa Gauditano – 1998</i>	43
Figura 15 - <i>Rosa Gauditano – 1998</i>	44
Figura 16 - <i>Rosa Gauditano – 1998</i>	45

LISTA DE ABREVIATURAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CRP-SP	Conselho Regional de Psicologia de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 PERCURSO TEÓRICO	16
2.1 CULTURA INDÍGENA	16
2.1.1 Cultura Kayapó	17
2.2 CORPO NA CULTURA INDÍGENA	19
2.3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL	25
2.3.1 Representação Social na Fotografia.....	28
2.3.2 Representação Social do índio	29
2.4 O OLHAR DE ROSA GAUDITANO SOBRE OS INDÍGENAS.....	30
2.5 O OLHAR DA PSICOLOGIA NA CULTURA INDÍGENA	32
3 PERCURSO METODOLÓGICO	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por proposta fazer uma leitura da obra de Gauditano busca observar nos registros fotográficos do corpo indígena uma ótica de expressão do corpo compreendido como sintoma de cultura e portador de comunicação através da imagem. Já que, segundo Santaella (1997) a imagem fotográfica tem sido considerada meio de expressão da cultura humana, afinal desde as pinturas pré-históricas das cavernas, milênios antes do aparecimento do registro da palavra pela escrita.

Santaella (1997), ainda declara que através dos séculos, a imagem fotográfica tem sido peça fundamental para a construção de ideal de mundo e de identidade, que o homem constrói a respeito de si mesmo e dos outros, de seus comportamentos, pensamentos, sentimentos e suas emoções em diferentes experiências de tempo e espaço, a imagem vem sendo então, encarada como parte necessária no processo de formação de concepção e ideal das representações de uma sociedade.

A primeira ideia que se tinha da representação indígena no Brasil na segunda metade do século XIX, segundo Tacca (2001) se caracterizava como indivíduos não civilizados, ideias que estamos por analisar e se permeia até a atualidade.

Acredita-se que remissão ao passado não é, porém, suficiente para dar à fotografia a capacidade de representar o tempo, assim como Santaella (1997) aponta um presente momento, mas isso não significa que esse tempo capturado no espaço fotográfico seja fixo.

Esse olhar pode vir a mudar, pois para Barthes (1984), é por meio das narrativas fotográficas que as pessoas passaram a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita e verbal, Já para Kossoy (2012), a fotografia passa a ser utilizada como um instrumento de formação de opinião.

Rosa Gauditano fotografou oito etnias para o seu livro, Índios: Os primeiros habitantes, que são: os Yanomami, Guarani M'Bya e os Pankararu em São Paulo, Kayapó em Altamira, os Karajás da Ilha do Bananal, os Arara no Pará, os Tucano no Amazonas, e os Xavante. Ao fotografar essas etnias se deu conta que o Brasil não conhece e mostra pouco interesse pela cultura indígena. E assim, utilizaremos de seu conhecimento e registro, que se trata de um cervo bem completo, para fazer concluir esse trabalho, além de apresentar algumas peculiaridades de etnias como os Kayapós, mais presentes e participativos da realidade do homem "branco".

Utilizaremos também autores como Serge Moscovici (1961), para respaldar a premissa de que a forma como o sujeito vê o mundo é fruto das representações de seu grupo refletindo a experiência de seus membros, a representação social compreende os saberes que se definem pela forma de expressão da vida de uma comunidade e de articulação da vida coletiva e dos processos de lutas que dão sentido ao mundo, uma identidade social.

As representações se manifestam nos símbolos construídos coletivamente por uma sociedade, quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando estão expostas a instituições, meios de comunicação, mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades.

Para Vilela (2012), cada época o corpo pode vir a apresentar comportamentos diferenciados, visto que se transformam conforme os códigos sociais ditados pela cultura, numa perspectiva simbólica.

A pesquisa tem como função acadêmica trazer este tema para o âmbito da psicologia, despertar o interesse dos acadêmicos para essa área que ainda se caracteriza como nova na atuação Profissional do psicólogo.

A pesquisa é importante à medida que a sociedade, na condição de ampliar o conhecimento bibliográfico, tendo em vista o pouco material que abrange o tema aqui exposto, visto que em seu acervo Rosa Gauditano apresenta um índio no seu convívio em comunidade, no seu dia-a-dia, festas folclóricas, religiosas, rotina doméstica, cultural, nosso objetivo é fazer uma analogia entre olhar da fotografa e a representação indígena que se vê hoje, considerando os registros fotográficos feitos entre os anos 1980 e 2015.

Cabe problematizar que à década os índios carregam o estigma do não civilizado. No Brasil essa ideia ainda está arraigada na sociedade, prevalecendo o pensamento do índio na época em meados das décadas de 1960 e 1970, onde o indígena era caracterizado como um ser “primitivo¹”.

A fotografia tem busca (re) significar nosso olhar sobre determinado fenômeno, quando nos é apresentada uma imagem fotográfica, recebemos um registro visual que materializa o olhar do fotógrafo, nessa relação que estabelecemos com o produto/material produz novos sentidos sobre o que foi posto, pois essa interação

¹ Contemporâneo dos primeiros tempos de uma civilização; antigo, ancestral, remoto

(mesmo que apenas com o objeto – fotografia), está permeada pela visão de mundo do fotógrafo, e como ele recebe certos processos.

O objetivo do trabalho é perceber as diferentes nuances em relação à representação social do corpo indígena sob o olhar da fotógrafa Rosa Gauditano, buscando de compreender as representações sociais de corpo na cultura indígena a partir da construção histórica da representação corporal do índio no Brasil tem se constituído através da imagem fotográfica, para assim, analisar o papel da psicologia Social nesse processo de representação social da cultura indígena.

Assim nossa abordagem nessa pesquisa trata-se de como se dá esse processo de leitura, compreensão e entendimento da cultura indígena através da fotografia e suas representações sociais e chegamos à conclusão que tal conhecimento só é possível por conta do processo de abstração realizado por nosso aparelho psíquico, sendo assim, podemos perceber a importância de discussão como essa nos meios acadêmicos e conscientização da sociedade como um todo, da individualidade de cada etnia bem como da necessidade de conhecimento para preservação da cultura indígena.

2 PERCURSO TEÓRICO

2.1 CULTURA INDÍGENA

Na chegada dos europeus à América existia aproximadamente 100 milhões de índios no continente. Em território brasileiro, esse número chegava próximo a 5 milhões de índios e segundo dados do IBGE (2010) atualmente a população indígena no Brasil é de aproximadamente 817 mil pessoas, organizadas em 270 etnias falantes de 180 línguas indígenas distintas formados por diferentes povos com hábitos, costumes e línguas diferentes (PLANO SETORIAL, 2010).

Na constituição (1988) encontramos dados de que o Estado atribuía a esses povos a condição de “relativamente incapazes”, integrando assim os indígenas à comunhão nacional e a contribuição dos povos indígenas para a diversidade cultural, considerada “patrimônio comum da humanidade”

Como podemos analisar, no Plano Setorial (2010), os primeiros habitantes do Brasil tem passado uma visão contemporânea, pois o avanço dentro de algumas aldeias confronta com a imagem desses indígenas do passado. Contudo, questionase como a sociedade pode ter esse entendimento sobre essas mudanças na cultura indígena, se pouco se conhece sobre sua história. Carneiro (2009) afirma o desconhecimento sobre o passado, o presente e o futuro dos índios no Brasil é grande e cheia de preconceitos que ainda imperam.

Para Taranto (2012) há muito pouco tempo que a sociedade começou a se conscientizar que os índios fazem parte integrante da vida nacional, pois somente agora os índios brasileiros começaram a ter um espaço para participa da política do país, elegendo candidatos, ajudando na elaboração de leis e compartilhando problemas relacionados a seus interesses e também a sociedade, como o meio ambiente, política, economia, saúde e educação.

Outro fator bastante interessante sobre a cultura indígena é que poucos dados podem ser encontrados sobre suas particularidades, no Plano Setorial (2010) é o material que se encontra uma abordagem mais completa sobre a cultura indígena, assim durante a leitura, chegasse ao conhecimento teórico da vivencia desse povo, que é descrita como um viver de simplicidade, sem classe social e que costumam dividir tudo que possuem entre si, inclusive suas tarefas na aldeia que são divididas por sexo e idade.

A diversidade étnica e linguística do índio brasileiro, segundo Taranto (2012) está entre as maiores do mundo e é a maior da América do Sul. Uma diversidade que enriquece a cultura da nacionalidade e mesmo que transformada pela interação secular de processos civilizatórios, percebe-se que a presença indígena é muito forte e perceptível em nossos físicos e em nossos costumes, principalmente entre os brasileiros do Nordeste, da Amazônia e do Centro-Oeste.

Outro fator curioso sobre a cultura indígena está ligado a maneira que a educação é feita dentro da própria etnia, contudo, os autores não declaram que seja uma regra. Mas ainda de acordo o Plano Setorial da Funai (2010) chegamos à conclusão que a cultura, educação e costumes desse povo pode mudar de uma etnia para outra.

Todos esses fatores culturais nos levam a uma leitura e um pré-conceito sobre o índio brasileiro, tal qual se torna intrigante e curioso. Mas, por haver grande diversidade de etnias, nós iremos em específico conhecer mais profundamente a cultura Kayapó e assim desenvolver um estreitamento para leitura das imagens realizadas por Rosa Gauditano sobre esse povo e sua cultura.

2.1.1 Cultura Kayapó

Considerada por Tuner (1987) como uma das poucas etnias que conseguiu afirmar impressionante grau de solidariedade político e social e dar continuidade a cultura de seu povo, mesmo com tanta influência da sociedade nacional. Segundo o autor, um povo relativamente grande, de língua Ge, pacificados desde 1947, e que somam em média de 2500 indivíduos.

Já na série Povos Indígenas no Brasil, (2005) os dados de Tuner (1987) são contestados e existe uma declaração da inexatidão da precisão quantos índios kayapós vivem no imenso território amazônico, chegasse apenas a uma estimativa de que das 19 comunidades que travam contatos regulares com a nossa sociedade, existem mais três ou quatro pequenos grupos isolados, cuja população é estimada entre 30 e 100 pessoas.

O termo "kayapó" foi utilizado pela primeira vez no início do século XIX, e significa "aqueles que se assemelham aos macacos", uma ligação com um ritual em que usam máscaras de macaco. Porém os Kayapós preferem se autodenominar "mebêngôkre", que significa "os homens do buraco/lugar d'água".

A aldeia Kayapó é composta por um círculo de casas construídas em torno de uma grande praça descampada, na etnia Kayapó, não há um único chefe que administre toda a aldeia, mas cada associação possui um ou dois chefes, que exercem jurisdição sobre seu próprio grupo.

Sampaio e Tardivo (2010, p.05) reafirmam e declaram que “a sociedade Kayapó se considera parte integrante de um mundo circular e veem o processo do universo e da vida como cíclico”. As autoras dizem que esses ciclos são de tempo ecológico e estrutural, ou seja, assim eles que determinam e acompanham a vida e as atividades humanas.

Outro fato interessante são os mitos, por exemplo para a etnia Kayapó, os espíritos dos mortos vivem em uma aldeia apartada, em alguma parte nas colinas e é organizada como a dos vivos, em forma de círculo com uma ou duas casas, possuem associações masculinas e femininas, classes de idade etc. A diferença essencial reside no fato de os espíritos viverem à noite e temerem a luz do dia.

Com uma linguagem específica o povo Kayapó só utiliza a língua Portuguesa nas comunidades de acordo com a necessidade do contato de cada aldeia com o homem branco. E com essa afirmativa de Sampaio (2010), nos leva a perceber que eles não são totalmente isolados.

Beltrão (1977) apud Sampaio e Tardivo (2010 p.05) faz uma apresentação muito interessante em relação à pintura dos Mebengokrê, “dentre todas as cores que envolvem o universo cromático desses índios considera-se muito importantes o preto e vermelho”. O autor declara ter “um sentido muito particular”, pois os Kayapós acreditam que essas cores manifestam que o homem é puro, mas é manchado pela sua condição física. Assim buscam seus traços seguindo as veias e artérias.

Quanto ao corte do cabelo, para as tribos indígenas, não é um cunho estético, assim também é para Kayapós uma atividade de significado social e religioso. Sampaio (2010) afirma que as mulheres Kayapós usam cabelos longos, contudo são aparados na frente, mas para isso, arrancam seus cabelos com as próprias mãos, fio por fio em linha reta, em um processo doloroso.

A autora questiona se tal procedimento não se deve pelo fato das mulheres Kayapós terem sido as mais cobiçadas nas guerras e assim consideradas um ponto vulnerável nas guerras e face também das crenças que muitas forças espirituais as rodeiam.

Sampaio (2010) declara ainda que a civilização Kayapó são verdadeiros exemplos de diversidade cultural, compreendendo a relação existente entre sua arte, costumes, modo de vida, política e uma grandiosa harmonia com meio ambiente. A arte está relacionada ao mítico, ao simbólico, ao sistema de poder, ao terapêutico, no domínio da arte demonstram força, utilizam a imagem como meio de expressão.

O autor ainda nos relata que as comunidades têm o costume de ter um galpão no centro da aldeia onde os homens, se reúnem para discutir suas tarefas cotidianas, fabricarem seus artefatos e objetos ritualísticos. As mulheres, por sua vez, são encarregadas das atividades de pintura corporal na casa onde ficam por conta desse trabalho, quanto ao território, dados da série Povos indígenas no Brasil (2005), declaram que as terras oficialmente demarcadas para essa comunidade cobrem uma área de 11 milhões de hectares do sudeste amazônico e formam assim a maior área protegida de floresta tropical no mundo.

2.2 CORPO NA CULTURA INDÍGENA

O corpo é hoje um tema em evidência seja em pesquisas acadêmicas, na mídia, o mundo contemporâneo voltou o seu olhar para o corpo. Rauter (2011) acredita que o corpo e sua imagem em especial ocupam um lugar central na vida do homem da atualidade na relação com o mundo.

O corpo passa a ser um objeto importante de representação, porque nele a identidade passa a se dar, em sociedades comunitárias e tradicionais, assim como as antigas culturas, o corpo é o elo com o coletivo, pois é antes de tudo uma estrutura simbólica, uma construção social e cultural, assim como afirma Camargo (2009).

Já para Tavares (2003), o desenvolvimento da imagem corporal é intimamente ligado à estruturação da identidade no seio de um grupo social.

Partindo do conceito de imagem corporal, Schilder (1977) afirma que a preocupação com a dimensão corporal, apresentada pelas pessoas que cercam o indivíduo, interfere de modo fundamental na elaboração da imagem corporal desse indivíduo. Segundo o autor, as experiências e sensações obtidas em ações e reações às relações sociais também contribuem para a estruturação da imagem corporal (CAMARGO, 2009, p. 230).

Jodelet (1984) enfatiza a importância do estudo do corpo a partir da perspectiva das representações sociais, pois estas nos permitem identificar o caráter social da dimensão individual. As representações assumem um papel importante na elaboração

de maneiras coletivas de ver e viver o corpo a partir da divulgação de modelos de pensamento e de comportamento relacionados ao corpo (CAMARGO, 2009).

O desenvolvimento da imagem corporal é intimamente ligado à estruturação da identidade de um grupo social, como nos declara Tavares (2003). Partindo do conceito de imagem corporal grupal, Schilder (1977) afirma que a preocupação com a dimensão corporal, apresentada pelas pessoas que cercam o indivíduo, interfere de modo fundamental na elaboração da imagem corporal desse indivíduo. Segundo o autor, as experiências e sensações obtidas em ações e reações às relações sociais também contribuem para a estruturação da imagem corporal. No estudo da imagem ou representação do corpo, Moscovici (1976) acredita que além da ênfase psicológica, individual, desenvolvida por pelo autor, há uma ênfase coletiva, relacionada a opiniões e ao senso comum.

Os índios utilizam a pintura corporal como meio de expressão e comunicação. Para Tacca (2001), cada evento há uma pintura específica: luta, caça, casamento, morte, assim, todo ritual indígena é retratado nos corpos dos mesmos na forma de pintura, a expressão artística na cultura indígena é bastante intensa.

Sampaio (2010) reafirma que a escolha do corpo e das representações a ele associadas não é aleatória, o corpo é mais que um instrumento de produção da vida diária indígena, é material simbólico pelo qual se produzem ideias, valores éticos e estéticos.

Para Vilhena (2010), em uma sociedade imagética, em que o sujeito é definido por sua aparência, o corpo ultrapassa os limites do biológico produzindo reviravolta nos valores éticos e acelerando a revisão e mudanças de costumes.

Assim o corpo e sua imagem, em especial ocupa lugar central na vida do homem na atualidade em relação com o mundo, pois as vivências corporais são consideradas fundamentais para o processo de individuação e possibilidade de produção de um sentimento de identidade, e Rauter (2011) ainda declara que o corpo então passa a ser objeto privilegiado de investimento, pois é nele que a identidade passa a se dar.

Para Tacca (2001), ao nos debruçarmos sobre um itinerário longo e permeado por inúmeras fotografias sobre indígena brasileiro desde o século XIX aos dias de hoje, podemos cair em uma armadilha inescapável de uma generalização inconsciente.

Uma das primeiras constatações feita pelo autor, é que a representação do indígena durante o século XIX é muito pequena, as primeiras imagens foram realizadas na França por Thiesson em 1843 de índios então chamados de Botocudos (pertencentes ao grupo linguístico Krenak).



Figura 1 - Botocudos, Daguerreótipo, 1843.

Essas imagens retratadas por Thiesson foram realizadas na França por índios que foram levados para serem expostos em apresentações de eventos científicos.

Existe hoje, apenas duas imagens de “Botocudos” pertencentes ao acervo da fototeca do museu do homem em Paris, no qual há elementos da antropologia física que servem de base para estudos comparativos.

Outras imagens só foram retratadas em 1865 em Manaus por A. Frisch Albert. Segundo Tacca (2011), essas são as primeiras imagens que transmitem uma ideia de habitat natural indígena, por serem feitas ao ar livre.



Figura 2 - Frisch, 1865.

Algumas fotografias ganham visibilidade pelo autor Marc Ferrez, fotógrafo que ganhou destaque no século XIX, com fotos dos Conhecidos na época por “Botocudos”. Ferrez, em 1882, apresentou imagens de elementos na vida indígena.



Figura 3 - Botocudos, Sul da Bahia, Marc Ferrez, 1875.

Em 1882, essas mesmas imagens fizeram parte dos álbuns comercializados para os estrangeiros, pelo seu caráter exótico. Walter Garbe, participante da exposição nacional de 1908, suas imagens se destacam pela proximidade de práticas e gestos culturais.



Figura 4 - Botocudos, Walter Garbe, 1905.

Ao final do século XIX, o fotógrafo Paul Ehrenreich se inseriu efetivamente em documentações pessoais e a imagem do índio Brasileiro, que passa a ter lugar em discursos científicos. Paul Ehrenreich viajou pelo Brasil entre 1884/85 e participou de uma expedição ao Xingu entre 1887/89.



Figura 5 - Paul Ehrenreich, 1894.

Suas fotos estão no arquivo fotográfico da geográfica Italiana de Roma, durante uma exposição no Brasil entre 1887 e 1889.



Figura 6 - George Huebner, 1900.

No acervo da fotografia indígena apresentou-se uma serie de imagens, objetos, retratos e elementos da vida indígena que são quase inexpressivas no conjunto geral do período, imagem domesticada do exótico. Algumas fotografias se destacam pela proximidade de práticas e gestos culturais, fazendo fogo, catando piolhos em cabeças, tocando ou em uma simulação de caça. Leigos que observam esse conjunto fotográfico, podem pensar que só existia uma etnia no século XIX chamadas de

Botocudos, pois somente os mesmos aparecem nas imagens, porém os portugueses nomeavam vários grupos que usavam botoques labiais com o mesmo “Botocudos” (TACCA, 2011).

Se pelo ponto de vista de uma ciência que se apropriava de um aparelho programático dentro de um modelo positivista de representação da realidade no qual o elemento exótico muitas vezes se sobrepunha ao etnográfico, havia superposto o fascínio pelas imagens dos nativos. Analisando algumas fotografias do período, ressalta Susana Dobal: Se a ciência cedeu ao apelo do exótico, ela também assimilou a sua mesma ambiguidade: de um lado, havia a necessidade de afirmar a diferença e constituir um discurso baseado na ideia de superioridade racial para melhor submeter; de outro lado, e também corroborado pela prática fotográfica, havia a fascinação por uma outra civilização que era vista e representada como passivamente à disposição dos recém-chegados (TACCA, 2011 p, 97).

As fotografias do período transitam entre o exótico, mas muito pobre no sentido de mostrar características e subjetividades do índio, e logo depois no século XX, o olhar em relação ao indígena começam a mudar nos traços fotográficos em relação às populações indígenas, porém muito engessada, no sentido de uma generalização inocente do índio selvagem e incapaz.

Nessa proposta problematizamos de como é feita essa leitura da imagem do índio na atualidade? E como objetivo temos por teorizar esse processo de auxílio da psicologia na construção dessa representação social do índio para nossa sociedade. Antes claro, tendo uma breve explanação sobre os processos da representação social e da psicologia no universo indígena e na sociedade como um todo.

2.3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Ao longo da vida, o sujeito recebe uma infinidade de informações. A cada nova informação ele tende a aproximá-la do seu universo de informação, numa tentativa de reconstruí-la e torná-la natural (SALGUEIRO, 2009, p. 01).

Conforme Salgueiro (2009), as representações sociais são categorias de pensamento através da qual determinada sociedade elabora expressa, explica, justifica ou questiona a sua realidade, são variedades de informações práticas orientadas para a comunicação e compreensão do contexto social, material em que vivemos, a forma do sujeito ver o mundo é fruto das representações de seu grupo refletindo nas experiências do seu meio.

O termo Representação Social ganhou vida com o sociólogo Émile Durkheim, em 1961 com o resgate feito por Serge Moscovici na busca de identificar os

acontecimentos acerca das complexidades individuais, coletivas, psicológicas e sociais (AUGUSTUS, 2000).

Para (MOSCOVICI, 2003), a teoria da Representação Social nada mais é que construções simbólicas produzidas nos grupos para organizar suas cognições e afetos.

Para Albuquerque (2001) essas representações são categorias de pensamentos através da qual a sociedade elabora informação que passa a fazer parte do seu dia-a-dia, a forma de o sujeito ver o mundo é fruto das representações de seu grupo refletindo a experiência de seus membros, é uma forma de conhecimento o saber do senso comum construídas nas relações grupais e intergrupais integrando tanto a experiência quanto a vivência dos sujeitos que há constroem passadas de geração a geração, determinando a conduta dos seus membros, pois elas circulam nos discursos, levando em conta a organização e o funcionamento do grupo.

Jodelit (2001) aponta que as representações se mostram como uma forma de interpretar e pensar uma realidade cotidiana comum é um campo de estudo que surge de uma crítica que tenta romper com a forma de pensamento tradicional e hegemônico fortemente presente na América do Norte, que concebia o sujeito separado do seu contexto social. A teoria propõe por sua vez, uma articulação entre o psicológico e o social, pois considera inseparáveis os sujeitos da sociedade.

A Teoria das Representações conduz um novo olhar ao sujeito a quem se propõe compreender, trazendo elementos importantes para compreensão da construção social. A teoria se desenvolveu procurando estabelecer novas bases epistemológicas na compreensão da relação sujeito e seu contexto social, atribuindo grande importância às chamadas subjetividades, uma articulação entre o psicológico e o social que, para Moscovici (1995), são inseparáveis.

As Representações Sociais são formadas a partir da expressão e do senso comum que, por sua vez, são gerados pelos fenômenos sociais, como as conversações e outras circunstâncias como as ciências, as religiões, e as ideologias. Neste momento, é importante que fique claro que as representações e os saberes se definem também pela forma de expressão da vida de uma comunidade e de articulação da vida coletiva e dos processos de lutas que dão sentido ao mundo através de uma identidade social (JODELET, 2001).

Para Salgueiro (2009) o social intervém de várias formas, pela comunicação, que se dá entre os indivíduos, pela expressão que fornece sua bagagem cultural,

pelos códigos e símbolos, valores e ideologias ligados a posições e vínculos sociais, ou seja, a representação social na sociedade é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais, e ajuda na construção social da nossa realidade.

A representação em sociedade refere-se a uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada como um objetivo comum que nos ajuda na compreensão de fatos e ideias que orienta e justifica o comportamento do grupo com relação aos valores e crenças (JODELETE, 2001).

Moscovici (2003) declara que essas representações são produzidas coletivamente e passam a fazer parte do repertório desse grupo como construções de significados comuns e são formadas quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando estão expostas as instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades. Talvez por isso que Salgueiro (2009) acha importante que os indivíduos entendam e encontrem o seu lugar na sociedade através de uma identidade social.

Albuquerque (2001) também acredita que as representações são formadas através de ideias, espíritos e concepção, nascendo daí uma visão de mundo em comum, assim as representações sociais nascem no curso das variadas transformações que geram novos conteúdos, todas as coisas que nos tocam no mundo a nossa volta são tanto o efeito de nossas representações como causas dessas representações.

Jodelete (2001) acredita que representação social não é um simples reflexo da realidade, ela é uma organização de significados que funciona como um sistema de interpretação da realidade do sujeito que vai determinar seus comportamentos e suas práticas. Esta criação se dá através das dinâmicas de comunicação que permite a formação das representações que, por sua vez, tornam possíveis a reconstrução do real.

As representações permitem compreender e explicar a realidade onde os atores sociais adquiram conhecimentos e os integram em um quadro para eles próprios, com intuito de facilitar essa comunicação social, elas definem a identidade e tem a função de orientação que permite que as representações guiem os comportamentos e condutas dos indivíduos.

2.3.1 Representação Social na Fotografia

A imagem tem sido meio de expressão da cultura humana assumindo contornos socioculturais distintos desde as pinturas pré-históricas das cavernas, milênios antes do aparecimento do registro da palavra pela escritura e tem sido importante na construção dos múltiplos sentidos que o homem dá a si mesmo e aos outros, como nos mostra Santaella (1997), qualquer tema apresentado numa imagem fotográfica traz informações visuais sobre o mundo, tornando-se um instrumento de conhecimento.

A imagem fotográfica funciona como meio de “expressão imagética dos tempos atuais individuais ou coletivas como componente representativo, produtor de dizeres, e causador de efeitos e sentidos” (LOPES, 2008, p. 265). Para Albuquerque (2001) o uso da fotografia como recurso de comunicação sobre a sua realidade e a forma de como as imagens podem facilitar a representação social de uma realidade, pois as imagens vêm sendo encaradas como parte necessária no processo de formação de uma sociedade, a imagem fotográfica é interpretada de acordo com os valores implícitos nos padrões culturais no olhar social.

Joly (1996) declara que a imagem vem sendo utilizada como representação do real se ligando a fatos, intuições e sentidos, servindo ela própria, como um meio de comunicação sobre si mesma. Santaella (1997) sinaliza que toda imagem fotográfica depende do contexto em que foi criada, assim como Martine (2010) que acredita que é inseparável do seu aspecto simbólico que estabelece os comportamentos.

A formação da imagem baseada na representação social da realidade de uma sociedade tem como objeto referencial fatos, coisas ou sentimentos de algo que existe e pode ser representado através da imagem (ALBUQUERQUE, 2001), assim leva-nos a crer que a fotografia pode oferecer nova forma de expressão e com isso modificar a forma de olharmos e compreendermos, a imagem fotográfica aliada ao olhar etnográfico, o que é capaz de conduzir ao desenvolvimento de uma forma narrativa mais profunda, não se restringindo apenas aos textos na construção dos sentidos, mas também a fotográfica como ferramenta de pesquisa e discurso.

Com o surgimento da fotografia muitos questionamentos foram feitos sobre seus elementos representativos, porém a mesma representa e se constitui na possibilidade de trazer ao observador uma realidade ausente tal como esta representada, como nos mostra Lopes (2008) de uma forma transparente. Já para Santaella (1997), a fotografia uma vez que coloca a imagem para funcionar além da

mera reprodução das aparências, isto é agregado à possibilidades de interpretações da realidade como sendo materiais.

Assim é possível definir que ao passo em que o fotografo configura explicitamente na imagem suas impressões transformando-as em parte inseparável da representação da realidade, a fotografa pode ir além da reprodução, do concreto e do visual. A ideia de representação social por imagem diz respeito a forma palpável de apresentar o mundo. A fotografia se estabelece como resultado de um trabalho de intervenção e interação do fotógrafo com o real e são capazes de se vincular a um modo de representação que vai para além.

2.3.2 Representação Social do índio

A representação do índio brasileiro nos costumes iconográficos e fotográficos desde o descobrimento do Brasil até a atualidade apresentam algumas vezes os mesmos erros, idealizações da imagem do outro ou reprodução de estereótipos da representação do índio e na construção da sua identidade, segundo Bernardo (2002), os índios são um grupo minoritário que ocupa uma posição específica em nossa sociedade, algo que se reflete na formação de imagens sobre eles.

Para Tacca (2005) antropólogos e historiadores registraram o quanto o imaginário pessoal, político e religioso no século XIX, o que influenciou a elaboração de imagens físicas e comportamentais falsas carregadas de ideologias acerca do índio, Bernardo, (2002) ainda declara que a generalização dos tipos físicos, hábitos culturais e valores específicos de cada etnia indígena citados em alguns documentos onde o índio se tornou uma identidade genérica, um ser imaginário influenciado ainda pelo inconsciente europeu, torna o índio tanto um habitantes de um paraíso perdido como um selvagens.

Tacca (2005), ainda complementa declarando que a representação esta que temos, tomou forma ainda nos cinemas em meados de 1970 repletos de estereótipos construídos ainda nessa época e que ainda hoje se faz presentes, ou seja, há quatro séculos tem sua continuidade e reprodução garantida por meio de um suporte próprio ainda dessa época.

As diferenças culturais em relação aos indígenas são represadas entre as diferentes etnias brasileiras. A atuação do índio como portador de uma cultura com valores próprios e forma de comportamentos específicos, foi anulada para compor um

personagem selvagem no olhar de forma geral. (BERNARDO, 2002). O que é reafirmado por Almeida (2010),

os índios parecem estar tão longe de nós quanto da ciência, sobretudo da psicologia. Quando colocamos a palavra "índios" na linha de busca por assuntos no Scielo, encontramos, numa consulta feita dia 18 de abril de 2008, 119 trabalhos publicados em periódicos científicos. Destes 119, 90 artigos, que correspondem a 76,5%, foram publicados em revistas na área de saúde, analisando aspectos que deixam explícita a situação de exclusão social deste grupo, tais como tuberculose, carência nutricional, mortalidade infantil, anemia, suicídio, alcoolismo, dentre outros. Esse quadro teórico sobre os índios pode levar à inferência de que no Brasil os índios são doentes, alimentam-se mal, são pitorescos e não têm psique. Uma só revista, os Cadernos de Saúde Pública, responde por 60 dessas 90 publicações. Os outros artigos encontrados aparecem em revistas da área de ciências sociais/antropologia (16), história (sete), educação (quatro) e agricultura (dois). Nenhum registro de trabalho publicado em revistas de psicologia sobre os índios do Brasil foi verificado. Igualmente não encontramos trabalhos sobre preconceito e racismo contra os índios no Brasil nesta nossa pesquisa (ALMEIDA 2010, p. 10).

Segundo o autor é essa a atual situação do cenário indígena brasileiro, de silêncio e dificuldade social que habitam e são construídas as representações sociais sobre os índios no Brasil. Para Tacca (2005), muitas das representações sociais que foram surgindo dos índios nasceram nesse contexto de estranhamento no encontro dos portugueses com o outro e tornam-se tão fortes e superior que persistem até a atualidade. Cabe destacar que essas representações sociais da alteridade utilizam na sua produção os elementos físicos ou culturais dos grupos e são atravessadas por interesses simbólicos e materiais. As classes europeias envolvidas neste processo reconstruíram as representações destas populações indígenas, a fim de legitimar suas ações e responder às suas experiências com elas.

Era um complexo de articulação entre a justificação dos interesses e estratégias de uma classe e a observação empírica de mudanças situacionais. A representação do outro que resulta deste processo era superior, e não estática.

2.4 O OLHAR DE ROSA GAUDITANO SOBRE OS INDÍGENAS

A Fotógrafa Rosa Gauditano nasceu na capital paulista em 1955, tendo estudado jornalismo nas Faculdades Integradas Alcântara Machado/Cásper Líbero e fotografia na Fundação Armando Álvares Penteado. Ela começou a trabalhar profissionalmente em 1977, para o jornal Versus, do qual se tornou editora de fotografia no ano seguinte. Depois atuou de forma independente para diversas

publicações, antes de integrar a equipe do jornal Folha de São Paulo, em 1984, e posteriormente na revista Veja, entre 1985 e 1986.

Em 1987, fundou a agência Fotograma Fotojornalismo e Documentação, na qual continua até hoje, dedicando-se à fotografia editorial e documental, durante os anos de 1980 e 1981, foi professora de fotojornalismo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Desde então, concentrou seu trabalho sobre as comunidades indígenas, das quais se tornou não uma simples observadora e sim uma verdadeira interlocutora, tendo realizado um trabalho de profundo significado humano.

Sobre os diversos trabalhos de Gauditano podemos dar destaque em sua produção as mostras: Povos Indígenas (1992); Imagens do Cotidiano Indígena (1993); Nossa Tribo (1997); e Aldeias Guarani Mbya na Cidade de São Paulo (2006), acompanhada de um livro de mesmo título focalizando a difícil convivência entre os índios e a sociedade contemporânea. Rosa Gauditano é considerada pela crítica como uma das vozes mais ativas na documentação das tradições indígenas e na promoção de projetos educacionais voltados a estas comunidades.

A publicação ***Índios: os primeiros habitantes*** foi o primeiro livro produzido pela Fotógrafa e possui uma reunião das melhores fotos das aldeias das quais visitou: os Yanomami, Guarani M'Bya e os Pankararu em São Paulo, Kayapó em Altamira, os Carajá da Ilha do Bananal, os Arara no Pará, os Tucano no Amazonas, e os Xavante, este livro expressa um pouco do cotidiano de oito nações, seu material mais extenso é sobre os xavantes em Roraima e os Guarani Mbya em São Paulo. Os índios foram os primeiros habitantes e hoje estão organizados em aproximadamente 817 mil pessoas e 270 etnias falantes de 180 línguas distintas formados por diferentes povos com hábitos, costumes e línguas diferentes (PLANO SETORIAL, 2010).

Em sua obra verifica-se a prioridade desde o seu primeiro trabalho mostrar de forma positiva e harmônica a cultura indígena, procurando mostrar como essas culturas vivem e se representam. Sua obra é caracterizada pela ênfase no caráter descritivo dos aspectos do cotidiano indígena (rotina doméstica, cultural, material etc), o que importa mesmo é o significado da foto, procurando mostrar a pluralidade de tipos físicos e culturais, que se articulam em torno das diferenças e ganham relevo como expressão simbólica das inúmeras etnias.

O livro ***Índios: os primeiros habitantes*** traz fotografias que mostram a celebração da cultura indígena, de modo que procura preservar a cultura das etnias

representadas. Santaella (1997) diz ao declarar que a imagem traz informações visuais sobre o mundo, tornando-se um instrumento de conhecimento.

2.5 O OLHAR DA PSICOLOGIA NA CULTURA INDÍGENA

Considerando a natureza da Psicologia, uma ciência voltada à promoção da saúde mental das pessoas e a velocidade com que a sociedade vem desenvolvendo e se transformando, a ciência psicológica também o faz, para acompanhar tais processos de mudança sociocultural (CRPSP, 2013).

Nesse contexto, todo e qualquer conhecimento está ligado ao contexto social e ao momento histórico em que é produzido. Desse modo, entende-se a importância da psicologia entre os índios na busca de promoção por saúde mental psicossociais sem descaracterizar suas raízes.

O seminário “Subjetividade e Povos Indígenas” podem ser considerados um marco da aproximação da Psicologia brasileira com os povos indígenas no país, realizado no ano de 2004, teve como objetivo levantar questionamentos e identificar propostas que pudessem contribuir tanto para o trabalho do psicólogo quanto para respostas às demandas das comunidades indígenas e que visassem contribuir com a cultura indígena (CRP SP, 2013).

Os movimentos indígenas que se fortaleceram nas últimas décadas na valorização da própria cultura e na expectativa de um diálogo por igualdade intercultural com base na ética e no respeito à diversidade. A atenção às necessidades das comunidades indígenas que comprometem a qualidade de vida e a saúde mental desses indivíduos fruto deste processo sócio histórico, muitas são as marcas de ordem psicossocial. Nesta medida, a psicologia é evocados a encontrar seu lugar neste campo (CRP SP, 2013).

Sendo assim, a psicologia social começou a desenvolver-se no início do século XX nos Estados Unidos, em um ramo da psicologia onde processos psicológicos determinam a forma como funciona a sociedade mediante a interação social (LENE, 2009). Para (MEURER, 2009), a Psicologia Social estuda o comportamento de indivíduos e a influência que recebem do meio social. O enfoque da psicologia Social é estudar o comportamento do indivíduo no que ele é influenciado socialmente.

Lane (1985), afirma que a Psicologia Social estuda a relação entre o indivíduo e a sociedade, entendida historicamente, desde como seus membros se organizam para garantir sua sobrevivência até seus costumes, valores e instituições necessários

para continuidade da sociedade. Estes processos sociais são os que determinam as características da psicologia humana.

Portanto, a Psicologia Social se preocupa em conhecer como o homem se insere no processo histórico sendo determinado por ele e principalmente transformando a sociedade em que vive (LENE, 2009). Durante toda a vida o ser humano necessita de participar de grupos para a sua sobrevivência, segundo (MEURER, 2009) o indivíduo está inserido num contexto histórico, seguindo um padrão social determinado como correto, composto por práticas consideradas essenciais que proporcionam a criação de normas a serem seguidas para que o indivíduo não fuja ao padrão.

Com relação aos papéis sociais, podemos dizer que um completa o outro, e em relação a todos os papéis existem expectativas de comportamentos mais ou menos definidos. Lene (2009) acredita que é preciso compreender que as condições sociais através da história pessoal, determine a características que nos definem, onde os papéis sociais foram criados para garantir a manutenção das relações sociais necessárias para reproduzir as condições de produção da vida.

As representações sociais, apresentada por Jodelet (1985), são modalidades de conhecimento práticas orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, em que vivemos, sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação.

Segundo Spink (1993), a representação é o sentido pessoal que atribuímos aos significados que elaboramos socialmente.

A Teoria das Representações Sociais pode ser reconhecida como importante arcabouço teórico conceitual para o estudo dos fenômenos sociais, uma vez que se dedica à compreensão do senso comum e de sua influência na conduta dos sujeitos. Lançada por Serge Moscovici, em 1961, a teoria proporciona o entendimento dos processos de elaboração coletiva sobre dado objeto social, que se viabiliza por meio da troca de informações e da produção coletiva de saberes pelos grupos sociais. As representações sociais atribuem um sentido ao mundo, constituindo-se como uma forma de “saber prático”, produzido nas interações sociais e que confere sentido aos comportamentos adotados (TERRA, 2016, p.292).

Salgueiro (2009) acredita que a representação ocorre através das imposições consideradas necessárias para a reprodução das relações sociais, sendo definidas como forma de conhecimento prático, obviamente, esta produção da ideologia não se dá conscientemente, mas sim em decorrência de uma visão da sociedade. Quando

reproduzimos as representações sociais que nos foram transmitidas, para (SPINK,1993), estaremos reproduzindo apenas as relações sociais necessárias para a manutenção das relações de produção da vida material em nossa sociedade.

“A representação é uma construção do sujeito enquanto sujeito social” (SPINK,1993, p. 303), somos sujeitos sociais a procura de representações que nos permitem a negociar as relações mediada por categorias históricas e subjetivamente construídas. A psicologia social por tanto, envolve o indivíduo e suas produções mentais como produto de sua socialização dentro do grupo social.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho teve por metodologia de pesquisa fazer de uma busca teórica e prática, de maneira qualitativa, uma vez que durante as análises buscamos descrever e interpretar o conteúdo das imagens fotográficas escolhidas dentro do acervo da fotógrafa Rosa Gauditano, preferencialmente aos que tange os índios Kayapós.

As descrições sistemáticas das imagens foram realizadas de maneira que chegássemos a uma releitura de seus significados, o que segundo Moraes (1999), quando feito de maneira coerente podem abrir portas para um amplo conhecimento sobre determinado assunto.

E com intuito de melhor aproveitamento e enriquecimento do processo, dividiu-se a análise do conteúdo em cinco etapas como aconselha Moraes (1999). O primeiro foi a preparação das informações; momento em que separamos e preparamos as fotografias que foram analisadas. Posteriormente foi o processo de transformação do conteúdo em unidades, ou seja, definimos a unidade do contexto de cada fotografia, conhecendo o ritual apresentado e para uma leitura do contexto individual da imagem.

A Categorização, buscamos através de uma análise comparativa, (se haviam semelhanças entre as imagens ou alguma relação entre seus possíveis contextos fotográficos). Então passamos ao momento da descrição, onde comunicamos os dados encontrados nos processos anteriores e por fim e tão relevante quanto as demais etapas do processo, em que fizemos a interpretação, que esteve ligada ao movimento de procura de compreensão e expressar sua leitura tendo como base sempre a fundamentação teórica.

A leitura de uma imagem passa por diferentes construções, uma vez que ela vai depender da vivência de cada indivíduo. A obra de Gauditano nos instiga a querer saber mais sobre a cultura indígena, nos instiga a (re)pensar o sujeito índio em representações que foram construídas ao longo da história. Na fotografia a seguir (foto 08) podemos observar que Gauditano (1998) se deixou contaminar “contaminação da cultura branca”.

Pois, podemos observa-se uma mulher índia sentada em uma cama com duas crianças indígenas, envolta de objetos e vestimentas considerados de cultura branca. Mas tal interpretação, segundo Martins (2010) fica à mercê do conhecimento de realidade de cada um, o que leva a um preconceito construído a partir de uma

representação social, o que Spink (1993) defende como compreensão do contexto social e afirma ser conhecimento prático orientado para a comunicação.

Contudo, a Fotógrafa traz em sua obra *Índios – Primeiros habitantes* acompanha o crescimento de diversas etnias que estão preocupadas em conservar a originalidade de sua cultura, e para tanto busca preservar seus rituais e simbologias, como podemos observar na imagem abaixo em que, os índios Kayapós se preparam para um ritual de guerra, chamado: “dança de guerra” (GAUDITANO, 1998).

Na imagem 7 pode-se analisar a caracterização e a comunicação através da pintura e o uso do corpo, mas tal análise fundamenta-se no que Araújo e Reis (2012) chama de ‘reflexo do mundo’, que é produzido por e em nossa mente, sendo uma relação entre sujeito e imagem. Mas contestada por Rauter (2012) que declara que essa construção e leitura tem que ser feita muito além das representações corporais, pois acredita que apesar do corpo ser uma estrutura simbólica, uma construção social e cultural, existem outras representações e conhecimentos que precisam ser avaliados antes de qualquer leitura, como questões psicológicas e de contexto social.



Figura 7 - Rosa Gauditano – 1989.

Uma outra temática abordada pela Fotógrafa em suas imagens é a questão física e comportamental dos povos indígenas. Bernardo (2002), também busca uma discussão sobre a generalização dos tipos físicos, hábitos culturais e valores dos povos indígenas, e declara que temos “um índio idealizado, em nada representado em suas particularidades específicas” (BERNARDO, 2002, p.63).

Na imagem que segue (Figura 8) percebe-se que se trata de ritual, contudo, somente pela imagem não se pode concluir de que ritual se trata, e nem afirmar que é um processo de todo indígena, pois assim como afirma Bernardo (2002) as diferenças culturais são desprezadas e não apenas entre as diferentes etnias das comunidades indígenas brasileiras, mas também em nível internacional.

Para Tacca (2011) essas individualidades são substituídas pela persistência da imagem de índio tradicional, que vem de exemplos de um imaginário coletivo sobre o índio brasileiro. Mas com a declaração de Augustos (2000) que podemos concluir que somente com a representação social e o conhecimento prático que podemos ter sentido e conhecimentos sobre os eventos e assim uma leitura mais completa sobre esse ou qualquer outro evento a ser fotografado.



Figura 8 - Rosa Gauditano – 1998.

A próxima imagem (Figura 9) leva além da reflexão da imagem generalizada do índio tradicional e dentro dos padrões ritualísticos e de valor cultural similar, pois apresenta a imagem do índio selvagem, idealizados por um processo comunicacional, como nos declara Tacca, ao relatar que “o selvagem aparece cercado pelo ato fotográfico e alça um sabor inequívoco ao imaginário: a existência desses povos tradicionais” (TACCA, 2001, p.88).

Cunha (1994) nos leva a observar que desde o século XVI os índios eram vistos como os “bons selvagens”, e suas atitudes e costumes viraram categorias naturais

para expressar distinções dentro da sociedade, gerando assim um modelo, mas conclui ser equivocada tal abordagem, pois a cultura indígena trata-se de um conjunto de itens, regras, valores e posições.



Figura 9 - Rosa Gauditano – 1998.

Mas essa imagem do índio selvagem pode ser explicada por Koehler (2008) onde declara que as imagens fotográficas veiculam e contribuem para a formação do imaginário da sociedade. Assim como a imagem a seguir (Figura 10) nos leva a uma análise mais sublime da relação do indígena com a natureza, pois Gauditano (1998), afirma que muito aprendeu sobre a natureza humana com índios e acredita que “A população indígena tem muito a ensinar sobre os segredos da vida e da natureza no Brasil” (GAUDITANO, 1998, p.6).

Mas de mesmo modo, Tacca (2001), volta a nos alertar sobre o cuidado ao analisar uma imagem indígena, de não generalizar inconscientemente e abordar a todas as etnias com censo comum de que essa relação com a natureza é um procedimento padrão. Sendo assim, na imagem do índio caracterizado e com um macaco nas costas, pode tanto fazer parte de um contexto ritualístico como estar a pousar para uma fotografia. Então é importante lembrar o que Salgueiro (2009) nos declara ao dizer que “no campo da psicologia, o principal objetivo é a atribuição de

significado à imagem”. E assim buscar essa relação para melhor aplicá-la na representação da imagem.



Figura 10 - Rosa Gauditano – 1998.

Para Martins, (2010) a fotografia esta ligada a vida cotidiana de uma sociedade, pois a autora afirma que a imagem torna-se uma reprodução da realidade, contudo, lembra que essa realidade dependera da interpretação de seu público, levando a lembrar da ligação da análise com a representação social e abordagem da psicologia social, como nos afirma Spink (1993), que acredita que essa relação com o real nunca é direto, pois ela depende da mediação histórica e subjetivamente constituída.

Na imagem a seguir, (figura 11), observa-se um grupo de índios jovens caracterizados, o que leva a deduzir que se preparam para um ritual ou estão apenas

preparados para posar para fotografia, contudo, Tacca (2005) declara que a imagem pode ser uma representação cultural em sua carga simbólica, epistêmica ou estética, o que nos leva de qualquer forma a construção e conhecimento de uma realidade.



Figura 11 - Rosa Gauditano – 1998.

Todo o conhecimento aliado ao processo cultural em que o indivíduo é exposto gera um (pré) conceito ao analisar uma imagem. Tacca (2005) afirma que todas as culturas se perpetuam através do tempo através da imagem, e assim geram boatos orais ou em outras perspectivas, o que pode ocasionar em diversas interpretações.

Ao observarmos a próxima imagem (Figura 12) reflete-se um pouco sobre essas interpretações, afinal encontra-se uma índia idosa com um facão, posando para a fotografia. Contudo, questiona-se se ela está indo para suas atividades ou apenas posando para foto. O certo é que segundo Augustos (2000) essa leitura e questionamento surge da prerrogativa de que a Representação social pode se apresentar de diversas maneiras em uma única imagem, depende da forma de conhecimento do contexto desenvolvido pelo seu analista.

Ao aprofundarmos o conhecimento na cultura Kayapó, Segundo Sampaio (2010) as mulheres Kayapós são símbolo de vulnerabilidade para seu povo, durante as guerras eram motivo de cobiça, por isso suas aldeias eram invadidas e mulheres

violentadas, assim o autor defende que as mulheres tiverem que se fazer mais forte e mesmo idosa não deixam suas atividades. Mas seus temores ficam explicito na série Povos Indígenas do Brasil (2005), momento em que os autores relatam que as mulheres ao ir realizar suas atividades diárias fumam muito nos campos de colheita, com o intuito de espantarem os maus espíritos, visto que a crença Kayapó acredita que as forças espirituais também rodeiam suas mulheres.



Figura 12 - Rosa Gauditano – 1998.

Beltrão (1977) Apud Sampaio e Tardivo (2010) relatam o quão forte são as questões espirituais na cultura Kayapó, pois além de apresentar todo esse misticismo em torno da figura feminina na aldeia, os autores abordam também como as cores que envolvem o universo cromático desses índios tem ligação com suas crendices.

A imagem que segue (Figura 13) muito nos fala sobre as cores que regem a espiritualidade e rituais desse povo. Podemos observar índias que se encontram caracterizadas para algum ritual, onde predomina a pintura em seus corpos nas cores vermelha e preta. Segundo Sampaio e Tardivo (2010) essas cores tem uma ligação com a dupla natureza do ser humano, ou seja:

“...homem é um ser puro manchado pela sua condição física. Esta noção se manifesta pela dualidade de sentido da cor vermelha que representa o sangue, símbolo de materialidade, sendo esse um pigmento extraído do urucum e representativo da cultura (SAMPAIO E TARDIVO, 2010, p.05).

Mas é importante ressaltar que todo esse processo místico e extrema individualidade desse povo, pode ser confundido e generalizado sem um prévio conhecimento da cultura, o que segundo Berardo (2002) ocorre com muita frequência, pois as diferenças culturais desses povos geralmente são desprezadas e não apenas entre as diferentes etnias das comunidades brasileiras, mas também em nível internacional.



Figura 13 - Rosa Gauditano – 1998.

Lopes (2008) também levanta questionamento sobre essa generalização da cultura indígena e fala sobre a importância dos elementos representativos e artísticos quando se aborda questões culturais em relação ao índio. Albuquerque (2001) de mesmo modo fala sobre a importância dessas representações e interpretações, que muitas vezes, segundo a autora é gerada pelo senso comum, que por sua vez, são gerados por fenômenos sociais, e ainda conclui declarando que é de extrema importância o indivíduo entender e conhecer a identidade social, para assim encontrar seu lugar na sociedade e conseguir entendê-la.

A foto de número 14 de Rosa Gauditano, nos fala um pouco sobre esse processo de conhecimento. Nela podemos perceber que se trata de um ritual e que pelo contexto da imagem tem grande significância para seu povo. E como Albuquerque (2001) declara, só tem significado para os demais quando as

representações sociais conseguem ser explicadas através dos termos, como a ideia, espírito ou até concepção do ritual para quem lê a imagem.



Figura 14 - Rosa Gauditano – 1998.

Essa leitura muitas vezes é realizada, segundo Lopes (2008) com base no que a mídia transmite, nas fotos e imagens que são escolhidas para dar o significado que eles querem que tenha, pois para quem lê, segundo o autor a imagem traz uma sensação de realidade e fica na memória de quem a vê, e assim estabelecem construções identitárias.

Essa relação pode ser percebida, em imagens como a que podemos ver abaixo (Figura 15), onde a construção da identidade se dá por meio das imagens que circulam na mídia desses processos ritualísticos com todas suas caracterizações. Mas para Spink (1993) essa construção de identidade tem que ter uma relação com o real, mas não ocorre, ela vem sempre por interpretações históricas ou subjetivamente construídas. Assim, Santos (2009) justifica que a percepção de mundo que o leitor tem geralmente são construídos através das imagens que ficam em sua mente, tornando-o fruto do que ele vê e do contexto cultural no qual está inserido e assim suas leituras são realizadas pelos estímulos e com base no seu conhecimento de mundo, desenvolvendo suas ações e dificultando um conhecimento mais profundo do que é a realidade.



Figura 15 - Rosa Gauditano – 1998.

Assim, Santos (2009, p.09) nos fala o quão importante é o “alfabetismo visual”, para desenvolver um senso crítico sobre determinado assunto, avaliação ou até mesmo leitura, pois para o autor, as percepções ocorrem de diferentes formas, dependente da cultura e do processo de comunicação, podendo sofrer ainda com a diferenciação do significado, a interpretação do leitor e fotógrafo, uma vez que é muito importante lembrar que o primeiro olhar sobre esse contexto e dessa leitura é do fotógrafo.

Na foto (Figura 16), podemos perceber o recorte de uma realidade, um contexto que pode nos ser desconhecido, mas ainda assim conseguimos uma leitura da imagem, que se trata de um índio em ritual, ou posando para uma fotografia com objetos indígenas. Tal leitura ocorre, segundo Spink (1993) porque temos imagens compartilhadas, que contribuíram para construção dessa realidade que imaginamos e assim possibilita a comunicação, mas, no entanto, Tacca (2005) alerta que é importante ter em mente que a fotografia é um olhar condicionado, que lhe trará apenas uma visão de mundo, e conclui dizendo que a imagem que temos do índio é sedimentada e muito pobre de informação.

A leitura do Olhar da Fotógrafa Rosa Gauditano tem provocações intensas e que desperta emoções espontâneas, contudo ela passa por um processo de três etapas, sendo de percepção da imagem, de identificação e de interpretação da

mesma. Por isso, chamamos atenção para o cuidado na hora dessa leitura. Isso, advém do poder que a fotografia e suas potências narrativas impacta na subjetividade do sujeito.

Partindo dessa premissa Tacca (2005) afirma que quando a imagens mostra um índio dócil e sujeito a mudanças pelo avanço civilizatório pode construir a imagem de sujeição. O que nos faz melhor compreender a abordagem de Gauditano (1998) que declara fotografar o índio em sua essência, sem evidenciar suas fraquezas para não fragilizar sua imagem e ainda conclui dizendo: “preciso apoiá-los em sua luta pela sobrevivência e manter o espírito aberto para aprender com eles”.

Declaração que pode ser percebida através da imagem a seguir, onde retrata os índios em um momento de interação e união, o que podemos justificar através da afirmação de Martins (2010) que declara que a fotografia é um retrato do cotidiano de uma sociedade, tornando-se uma reprodução da vida social.



Figura 16 - Rosa Gauditano – 1998.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após toda discussão teórica e de posse do objeto de análise, podemos concluir o que Tacca (2011) chama de persistência da imagem de um índio tradicional. Construído através de conhecimentos básicos e poucos estudos sobre o assunto, o que segundo o autor “conflui pelos vários exemplos para formação de um imaginário coletivo sobre o índio no Brasil” (TACCA, 2011, p 26).

Salgueiro (2009) ainda defende que, no decorrer da vida, recebe-se inúmeras informações, e a cada informação recebida aproxima-se seu universo com a tentativa de reconstruir essa novidade e assim torna-la familiar e próxima de seu entendimento cultural. Assim, nas fotografias de Gauditano que analisamos, percebemos traços e percepções da fotografa que nos aproximou ainda mais da realidade indígena, contudo, a cada olhar uma nova perspectiva, um novo olhar e essa construção que o sujeito faz para entender o “mundo novo” segundo Crusoé (2004) se dá pela necessidade de se comunicar com o outro.

Mas o que realmente abordamos nessa pesquisa é como se dá esse processo de leitura, compreensão e entendimento da cultura indígena através da fotografia e suas representações sociais. Chegamos à conclusão que tal conhecimento só é possível por conta do processo de abstração realizado por nosso aparelho psíquico.

Outro fator a ser observado são as representações sociais que, segundo Augustus (2000), nascem no curso de diversas transformações que geram novos conteúdos e conseqüentemente geram novos olhares sobre determinados assuntos. Assim, através dessas novas representações realizamos nossas avaliações e para Tacca (2005), a imagem como uma representação é interpretada de acordo com valores implícitos nos padrões e olhar social.

Podemos concluir que por toda análise o olhar e análise de cada imagem depende do quanto o indivíduo tem familiaridade com o assunto, do olhar do fotógrafo e do contexto qual o elemento é fotografado, além de sua representação gerada pela discussão e conhecimento adquirido sobre determinada sociedade. Assim, avaliar uma imagem partirá do contexto teórico, mas será levado em conta todo conhecimento pessoal e abordagem psíquica sobre o assunto.

Trazer discussões que abordem a questão da cultura indígena e conhecer melhor e mais profundamente suas raízes também é papel da psicologia, que pouco participa ou direciona suas pesquisas para essas comunidades.

Para finalizar, mas não menos importante, chegamos a questão do acompanhamento do envolvimento do índio com a cultura dos “brancos”, um acompanhamento psicológico sobre os resultados desse envolvimento e uma melhor elaboração das representações e da importância da cultura indígena para sociedade em geral poderia ajudar em muito a percepção e os resultados da valorização dessa cultura, que já passou por diversas avaliações, muitas mutações e pouco auxílio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, C.; SILVA, N. da. **Representações em imagens equivalentes**. <www.bocc.ubi.pt/pag/lima-claudia-imagens-equivalentes.pdf> Acesso em 22 de Fev. de 2017.

ÁLVARES, M.R; SCHIMITT, V. **Análise de Imagem: teoria e prática**. <https://flankus.files.wordpress.com/.../analise_de_imagem_da_teorica_a_pratica.pdf> Acesso em 10 de Jan. de 2017.

ARAÚJO, G.; REIS, D.J. **As representações simbólicas: A pulsão imagética na produção dos sentidos no espaço**. <www.observatorium.ig.ufu.br/pdfs/3edicao/n9/07.pdf> Acesso em 12 de Fev. 2017.

AUGUSTUS, R. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. <<http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6719>> Acesso em 20 de Jan. de 2017.

BERNARDO, R. **A representação da alteridade: estereótipo do índio brasileiro no cinema de ficção da década de 70**. <<https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/24171>> Acesso em 01 de Fev. 2017.

CUNHA, M. C. da. **O Futuro da questão indígena** <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000100016> Acesso em 01 de Fev de 2017.

GAUDITANO, R. **Índios: os primeiros habitantes**. 1ª ed. São Paulo, Caixa econômica Federal, 1998.

KOEHLER, A.L. **O ensino de história e a fotografia como representação: uma experiência através de fontes de arquivos locais**. <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/164-4.pdf> Acesso 10 de Fev. de 2017

LOPES, M. **A representação imagética da identidade do professor**. <www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/viewFile/516/52> Acesso em 01 de Fev de 2017

MARTINS, C. **A imagem fotográfica como uma forma de comunicação e construção estética: apontamentos sobre a fotografia vencedora do World Press Photo 2010**. <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-celia-2013-imagem-fotografica><http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-celia-2013-imagem-fotografica-como-uma-forma-de-comunicacao.pdf>> Acesso em 10 de Fev. de 2017.

MELO, V. A. **O corpo esportivo nas searas tupiniquins: panorama histórico** <www.worldcat.org/title/historia-do-corpo-no-brasil/oclc/755632900> Acesso em 10 de Fev. de 2017.

NOVAES, J. V. **Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social.** <historiahoje.com/beleza-e-feiura-corpo-feminino-e-regulacao-social/> Acesso em 15 de Fev de 2017.

RAUTER, R. V. **A Relação Do Sujeito Contemporâneo Com O Corpo: uma reflexão à luz da psicologia analítica** <www.jungrj.com.br/artigos/artigoraissavolkerijrj.pdf> Acesso em 15 de Fev. de 2017.

SANTOS, A.C. **A fotografia entre documento e expressão: um estudo acerca da produção imagética de Pedro Meyer** <compos.com.puc-rio.br/media/gt10_ana_carolina_lima_dos_santos.pdf> Acesso em 12 de Fev. de 2017.

SPINK, M. J. **O conceito de representação social da abordagem psicossocial** <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X1993000300017&script=sci_abstract&tlng=pt.> Acesso em 20 de Fev. de 2017.

TACCA, F. **Imagem fotográfica - Aparelho, Representação e Significação** <www.scielo.br/pdf/psoc/v17n3/a02v17n3.pdf> Acesso em 05 de Fev. de 2017.

TACCA, F. **O índio na fotografia brasileira - incursões sobre a imagem e o meio** <www.scielo.br/pdf/hcsm/v18n1/12.pdf> Acesso em 02 de Março de 2017.